

O “DIA DE PORTUGAL”

A. Gomes da Costa

Às vésperas do “Dia de Portugal”, recebemos em festa Sua Excelência, o Senhor Presidente da República do Brasil, Dr. Fernando Henrique Cardoso. O lugar não podia ser outro senão o Real Gabinete Português de Leitura, instituição fundada em 1837, quinze anos, portanto, depois da Independência, e que, com seu estilo arquitetônico néo-manuelino, evocativo da saga dos Descobrimentos; com a talha de suas pedras, que são estrofes de *Os Lusíadas*, na expressão feliz de Joaquim Nabuco; com o seu acervo bibliográfico, que encerra o melhor da criação do gênio lusitano, é, e será sempre, o símbolo de gratidão dos portugueses do Brasil, à terra generosa e boa que os acolheu. Mas se estamos, senhores, no “altar da Pátria”, onde vivemos, neste século, os momentos mais importantes da nossa comunidade, também a liturgia de hoje, preparada sob o signo do canto camoniano e da Diáspora dos portugueses espalhados pelo mundo, nos convida a duas reflexões. A primeira, relacionada com a Epopéia de nossos antepassados, que se desdobrou em múltiplas empresas e feitos — desde o contorno do périplo africano, à descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama; da viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães, ao comércio das especiarias com o Oriente; da construção de fortes e do estabelecimento de feitorias às conquistas científicas e aos avanços da arte de navegar, que permitiram o encontro de civilizações e a expansão do Cristianismo.

No entanto, no admirável contorno dessa Epopéia, protagonizada por Gil Eanes e Diogo de Teves, pelos Gamas, Albuquerque e Castros, na sequência do sonho do Infante de Sagres, nada se compara ao Descobrimento do Brasil.

Os “fumos” da Índia, esses desapareceram rapidamente; as façanhas da Ásia deixaram alguma fama, que ainda perdura, aqui e além, por terras de Goa, do Ceilão ou de Malaca; as incursões pela África; os capitães e mercadores que andaram pelo Benin ou por Calcutá; os mártires do Japão e os aventureiros da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto — tudo isso ficou disperso e a perder-se entre neblinas do passado, lembrando o “século de ouro” do povo português.

Mas na Epopéia Lusíada, o guião da eternidade, é o Brasil.

A chegada da frota de Cabral a Porto Seguro de Vera Cruz, naquele 22 de abril de 1500; a política e a estratégia dos reis de Portugal que os levam primeiro a negociar Tordesilhas com Castela e depois a alargar as fronteiras do Oeste nas entradas e no bico das botas dos bandeirantes; a ocupação da Amazônia e a defesa do território contra as invasões dos estrangeiros; a difusão da Língua e da catequese; os estatutos jurídicos e as reformas pombalinas; a miscigenação e os cruzamentos étnicos; o sincretismo e as diferenças — no Brasil, no corpo desta terra linda e *graciosa*, como lhe chamou Caminha, na certidão de batismo, é que está realmente a glória maior de Portugal; até mesmo quando este errou, como metrópole ou na escolha dos vice-reis e donatários das capitanias; ou foi cruel, no tráfico negreiro; ou pensou demais no ouro das Minas para financiar os dotes das princesas; ou deu ouvidos à teimosia das Cortes, que não pressentiam os ventos da liberdade.

Poderiam apagar-se da memória as “obras menores” dos portugueses, mas se ficasse o Brasil, seria o bastante para não desaparecer da terra o santo nome de Portugal.

A segunda reflexão está centrada no destino daqueles que um dia deixaram a terra de berço para realizar noutros países seu projeto de vida. A Diáspora, tanto no dia das comemorações, quanto no sentido da memória, está junto da Epopéia. E se é gratificante para os que partiram em busca da aventura e do sonho saber que são lembrados no mesmo Dia de Camões e da Pátria, porque também eles ajudaram a festejar Portugal no mundo, maior do que o desvanecimento pelo tributo que, porventura, lhes concedem simbolicamente o governo e a grei portuguesa, é a sua gratidão e é o seu orgulho pelo que receberam e pelo que fizeram no país que um dia os acolheu, trazendo apenas a roupa do corpo e a vontade indômita de vencer.

E quando se trata de Brasil, tudo é diferente

Ao correr de gerações, esta nunca foi para os portugueses uma terra alheia ou uma terra sáfara. Aqui estivemos sempre em casa e em família. Partilhámos sonhos e dividimos destinos. Do lado de lá do Atlântico ficavam os pais, entranhava-se a saudade; deste lado, criavam-se os filhos e lançava-se a construção do futuro; e falamos a mesma Língua; e praticamos os mesmos hábitos; e consagramos os mesmos valores; e potenciamos as mesmas energias. Fizemos na terra de acolhimento o que decerto não seríamos capazes de fazer na terra de origem, pela profundidade dos horizontes e pela sedução dos desafios. E aí está o testemunho desta entrega ao Brasil, do norte da Amazônia ao sul do Rio Grande: no trabalho e na criação, nas iniciativas e na prole, na integração e na amizade, nas vivências e nos legados, nos empreendimentos e na alma.

Por tudo isso, e como fecho destas duas reflexões, interpreto o sentimento da comunidade luso-brasileira, ao agradecer ao Senhor Presidente da República do Brasil por tudo o quanto somos devedores a este País e à sua gente. Uma dívida que se vem acumulando desde 1500 e que não se extinguirá com o último emigrante, porque será sempre uma brasa viva no coração dos luso-descendentes, nossos filhos ou nossos netos, que saberão dar continuidade

de, pela parúsia e pela devoção às raízes, a tudo o que une brasileiros e portugueses — na convergência de destinos, na interação de culturas, na unidade da Língua e na maneira de ser e de estar no mundo.

Mais do que as nossas palavras, valem os nossos sentimentos. E se nos sabe bem reafirmar, perante Vossa Excelência, o quanto amamos e o quanto somos agradecidos ao Brasil, também nos permitimos acrescentar o quanto confiamos em seu governo e na sua determinação de vencer desafios, de aprovar reformas, de corrigir desequilíbrios e de assegurar a todos os brasileiros melhores condições de vida.

Delineia-se já um novo Brasil, com a moeda estável, com o crescimento econômico sustentado, com menos assimetrias regionais, com mais democracia e mais justiça social, onde não se fala, como antes, de um “modelo brasileiro”, mas onde se coloca o homem como centro e medida das aspirações e das políticas do governo.

Não precisamos dos arrebatamentos ufanistas de Afonso Celso para dizer, neste “lauserene” cívico, que no crepúsculo do século estamos a caminho de ser uma das maiores potências do mundo. Mas ao sentir este Brasil novo, pujante e senhor de seu próprio rumo, que se desobriga dos arcaísmos e agride futuros, lembramo-nos de uma frase, com a qual vamos terminar esta saudação, que era comum ouvir-se nas casas alpendradas do Minho, de Trás-os-Montes ou das Beiras, que nos enchia o imaginário em nossa adolescência. Era quando visitavam a sua aldeia os portugueses que iam do Brasil, amorenados pelo sol dos trópicos, vestidos no terno de brim branco, anel de ouro nos dedos, de joanetes crescidos, acrescentaria com humor o Eça de Queiroz da nossa devoção. À sua volta, as mulheres, as crianças, os jovens e os velhos que tinham ficado. E na linguagem simples, os olhos distantes, um leve e feliz sorriso nos lábios, desabafavam a paixão que lhes transbordava o peito: — “Querem que lhes diga, não há terra melhor no mundo para viver que o Brasil.”

E aqueles portugueses “torna-viagem”, humildes e reconhecidos, estavam certos, Senhor Presidente.